

Área: Sustentabilidade | **Tema:** Temas Emergentes em Sustentabilidade

A REDE GLOBAL DE ECOVILAS E OS NOVOS MOVIMENTOS SOCIAIS

THE GLOBAL ECOVILLAGE NETWORK AND THE NEW SOCIAL MOVEMENTS

Marco Aurélio Marão Viana Pereira Filho, Camila Tatsch Ferrari e Laura Roratto Foletto

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo estabelecer relações entre a rede global das ecovilas e os novos movimentos sociais do século XXI, os quais têm como atributo fundamental a articulação através das tecnologias digitais de comunicação. Por esta razão, nos baseamos na proposta de Estrutura de Oportunidade de Mediação de Cammaerts (2013), pois ela possibilita uma análise empírica de movimentos sociais atravessados pela mídia, através de três categorias: a) Estrutura de Oportunidade Discursiva; b) Estrutura de Oportunidade de Mídia; c) Estrutura de Oportunidade em Rede. Para a coleta de dados, realizamos uma pesquisa bibliográfica reunindo estudos sobre ecovilas publicados no Brasil e, em menor medida, buscas e leituras flutuantes sobre ecovilas na plataforma GloboPlay e em grupos online do Facebook, no intuito de reunir evidências que corroborassem ou refutassem a hipótese de que o fenômeno das ecovilas se trata de um novo movimento social.

Palavras-Chave: ecovilas; novos movimentos sociais; estrutura de oportunidade; mediação; tecnologias digitais de comunicação

ABSTRACT

This article aims to point out relations between the global ecovillage movement and the new social movements of the 21st century. Current social movements are characterized by their articulation through digital communication media. Therefore, we based this study on the concept of Mediation Structure of Opportunity by Cammaerts (2013). The concept enables an empirical analysis of media related social movements. It does so through three categories: a) Discursive Structure of Opportunity; b) Media Structure of Opportunity; c) Network Structure of Opportunity. For data gathering we have conducted a bibliographic research on brazilian studies about ecovillages. To a lesser extent we have carried out searches and fluctuating readings about ecovillages in GloboPlay platform and Facebook online groups. These searches and readings were done in order to collect evidences for confirming or denying the hypothesis, according to which the ecovillages phenomenom is a new social movement.

Keywords: ecovillages; new social movements; structure of opportunity; mediation; digital communication technologies

A REDE GLOBAL DE ECOVILAS E OS NOVOS MOVIMENTOS SOCIAIS

1. INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo estabelecer relações entre o movimento global das ecovilas e os novos movimentos sociais (GOHN, 2017; JURIS; PEREIRA; FEIXA, 2012). Embora o movimento das ecovilas seja um fenômeno relativamente recente, datando do início dos anos 1990, seus valores e objetivos se alinham, em certa medida, aos movimentos ambientalistas dos anos 1960. No entanto, é complexo definir essencialidades que o caracterizem, tendo em vista a heterogeneidade de práticas e articulações que o constituem. Genericamente, o termo ecovila designa um modo específico de organização socioespacial de grupos populacionais reunidos em assentamentos rurais ou urbanos em torno de valores mútuos, em especial a defesa da sustentabilidade ecológica e a solidariedade entre seus membros (ARRUDA, 2018; CAPELLO, 2017). Elas propõem um modo de vida em que as atividades dos indivíduos estejam cada vez mais situadas em contextos localmente restritos em termos geofísicos, visando à redução da poluição produzida pelos meios de transporte urbanos (BARTON, 2000). Para além da restrição espacial, há outros princípios mais ou menos recorrentes entre as ecovilas espalhadas pelo mundo: a alimentação vegana ou vegetariana, a prática da agricultura de subsistência dentro da própria comunidade e a recusa ao consumismo. Diante de tal heterogeneidade, direcionamos a nossa análise às ecovilas vinculadas à *Global Ecovillage Network* (GEN), uma rede de “comunidades regenerativas e de iniciativas que interliga culturas, países e continentes”¹, fundada com o objetivo de disseminar os valores das ecovilas e sistematizar a formação de suas redes organizacionais, alinhando ecovilas já existentes a um núcleo institucional de articulação.

Se, por um lado, atribui-se ao movimento das ecovilas um caráter de resistência às lógicas predatórias da sociedade de consumo, através da adoção de práticas ecológica, cultural, social e economicamente sustentáveis, por outro se questiona a sua designação como movimento social, sob a alegação de que os indivíduos que adotam o estilo de vida das ecovilas estariam vivendo em isolamento e, portanto, alheios aos problemas da sociedade (BELLEZE et al., 2017; FOTOPOULOS, 2000). Entretanto, entre as ecovilas espalhadas pelo mundo, há aquelas que se articulam com diferentes atores e instituições, gerando impactos em escala local ou transnacional (SALAZAR, 2013; ROYSEN; MERTENS, 2017). Tal característica acende um alerta em direção à caracterização do fenômeno das ecovilas como movimento social.

Reconhecemos que abordar conceitualmente os movimentos sociais é andar em terreno movediço, portanto não temos a pretensão de esgotar o debate. A própria noção de movimento social é de difícil definição, tendo em vista as suas fragilidades conceituais. No intuito de delimitarmos o que se entende aqui, por movimentos sociais, reunimos os pressupostos de três autores referenciais sobre o tema: Melucci (1989), Castells (2000) e Gohn (2008). Melucci (1989) define movimentos sociais como formas de ação coletiva baseadas no conflito, na ultrapassagem de limites e na solidariedade entre os atores dos movimentos, ao partilharem uma identidade coletiva. Para Castells (2000), eles se tratam de “ações coletivas com um determinado propósito cujo resultado, tanto em caso de sucesso como de fracasso, transforma os valores e instituições da sociedade” (CASTELLS, 2000, p. 20). Gohn (2008, p. 10), por sua vez, é quem os descreve com maior nível de detalhes. Ela ressalta que os movimentos sociais têm, geralmente, os seguintes elementos constituintes:

demandas que configuram sua identidade; adversários e aliados; bases, lideranças e assessorias – que se organizam em articuladores e articulações e formam redes de mobilizações; práticas comunicativas diversas que vão da oralidade direta aos modernos recursos tecnológicos; projetos ou visões de mundo que dão suporte a suas

¹ <<https://ecovillage.org/about/about-gen/>> Acesso em: 5 jul. 2020

demandas; e culturas próprias nas formas como sustentam e encaminham suas reivindicações.

Estabelecidas as nossas margens conceituais, chamamos atenção para o fato de que as abordagens clássicas dos movimentos sociais, direcionadas à análise das lutas das classes operárias na Europa do século XIX, já não dão conta de problematizar as ações coletivas na contemporaneidade em um contexto marcado pela globalização das economias e culturas nacionais, potencializada pelo atravessamento dos meios de comunicação em diferentes aspectos da vida social. Como contraponto a essas abordagens clássicas, as análises vinculadas aos novos movimentos sociais se debruçam sobre uma transformação no caráter das reivindicações dos sujeitos, cujas motivações deixam de ser pautadas por um pertencimento de classe para adquirirem uma dimensão simbólica fundamentada em suas lutas identitárias, como parte de um cenário em que a cultura se torna quase tão importante para a manutenção do poder dos grupos sociais dominantes quanto os aspectos econômicos (TOURAINÉ, 2003). Esses movimentos caracterizam-se, ainda, por uma maior autonomia dos sujeitos em relação ao Estado, por um apartidarismo político, por um envolvimento de ativistas de diferentes territórios geográficos e por uma descentralização institucional.

Com a expansão das tecnologias digitais de comunicação, os movimentos sociais adquiriram novas nuances, especialmente a partir do século XXI: adquiriram maior alcance transnacional; muitos apresentam um descolamento em relação aos meios de comunicação massivos, estando mais restritos a ações de ativismo via Internet. Muitos apresentam, ainda, um viés antiglobalização (ou de “globalização alternativa”), através de um confronto direto contra a globalização do capitalismo neoliberal que avança entre as diferentes nações do planeta (GOHN, 2017; JURIS; PEREIRA; FEIXA, 2012).

En efecto, los movimientos sociales más amplios y más diversos con frecuencia se definen por una tensión entre actores y dinámicas de los movimientos que están en competencia. A comienzos del siglo XXI, los movimientos sociales están pasando de la escala ‘nacional’ a la ‘transnacional’. Esto es cierto para las estructuras económicas, políticas y corporativas multinacionales, pero también para las resistencias en red a esas fuerzas hegemónicas. Además, en una época de la información, los movimientos y el activismo sociales se asocian más con la cultura (desde la identidad de la política a la política de la identidad) y con las redes globales (desde la construcción nacional a la deconstrucción transnacional) (JURIS; PEREIRA; FEIXA, 2012, p. 25).

Para atendermos ao objetivo de identificar características dos novos movimentos sociais do século XXI na rede global de ecovilas, nos baseamos na proposta de Estrutura de Oportunidade de Mediação de Cammaerts (2013), a qual possibilita uma análise empírica de movimentos sociais atravessados pela mídia. Considerando a importância das tecnologias de comunicação na constituição dos movimentos contemporâneos, Cammaerts (2013) propõe uma articulação conceitual entre as teorias dos movimentos sociais e os estudos de comunicação e mídia, a partir das teorias das mediações de Jesús Martín-Barbero e Roger Silverstone, pois o constructo das mediações possibilita pensar o estudo de comunicação de maneira integrada aos diferentes contextos sociais, culturais, políticos, institucionais e econômicos atravessados pelos meios, sendo útil, portanto, para “capturar articulações divergentes entre mídia, comunicação, protesto e ativismo” (CAMMAERTS, 2013, p. 14), resultando no conceito de Estrutura de Oportunidade de Mediação.

A compreensão do conceito proposto por Cammaerts (2013) se dá a partir de três categorias que, em intersecção, o constituem: a) Estrutura de Oportunidade Discursiva; b) Estrutura de Oportunidade de Mídia; c) Estrutura de Oportunidade em Rede. A primeira categoria refere-se às expressões simbólicas (que podem ou não reverberar nos meios massivos) e às “estratégias de planejamento que são consideradas não apenas relevantes para o

posicionamento ideológico, mas afetam o recrutamento, mobilização e grau de prontidão para ação” dos movimentos (CAMMAERTS, 2013, p. 16); a segunda diz respeito ao grau de repercussão dos movimentos sociais nos meios de comunicação massivos; já a terceira categoria diz respeito às potencialidades das tecnologias de comunicação para organização, mobilização, recrutamento de ativistas, coordenação de ações e disseminação de “contraestruturas independentes da grande mídia” (CAMMAERTS, 2013, p. 16).

Essas categorias servirão para a análise dos elementos que podem dar pistas em direção à hipótese de que as práticas das ecovilas, pelo menos aquelas vinculadas à GEN, constituem um novo movimento social. Durante a coleta de dados para a análise, não realizamos estudos empíricos diretamente com ecovilas, mas uma pesquisa bibliográfica reunindo outros estudos empíricos publicados no Brasil e ao redor do mundo, entre artigos científicos, dissertações, teses e livros. A pesquisa se estendeu, em menor medida, a buscas e leituras flutuantes nas plataformas *GloboPlay* e em grupos online do *Facebook*, por motivos que detalharemos ao longo da discussão que se segue. Todas essas buscas se valeram dos mecanismos disponibilizados pelas próprias plataformas, através de usos de palavras-chave. A partir dos resultados dessas buscas e da revisão bibliográfica, nos valem do paradigma indiciário para estabelecermos relações entre as características dos novos movimentos sociais do século XXI e as práticas das ecovilas, sem a delimitação de um corpus quantitativo ou qualitativo específico. Trataram-se de leituras livres, em caráter exploratório, no intuito de reunirmos evidências para a nossa hipótese de que o movimento das ecovilas se trata de um novo movimento social e estabelecermos a discussão que segue.

2. OS NOVOS MOVIMENTOS SOCIAIS E AS ECOVILAS

Como colocam Juris, Pereira e Feixa (2012), o surgimento dos antigos movimentos sociais do século XIX estava associado ao advento da sociedade industrial. Naqueles movimentos, predominavam-se as lutas masculinas, adultas e motivadas por questões de classe social. Já nos anos 1960, surgem os Novos Movimentos Sociais: novos modos de ação coletiva já inseridos no cenário dos meios massivos e das contraculturas juvenis, movidos por pautas multiclassistas e multigêneros. É nesse contexto que surgem as primeiras pautas ambientalistas hoje defendidas, em certa medida, pelas ecovilas. Naquela época, as comunidades intencionais, isoladas da sociedade mais ampla, estavam associadas ao movimento *hippie* dos anos 1960 e 70. A partir dos anos 1980 e início dos anos 1990, “com a ampliação dos debates globais em torno da crise ambiental e do desenvolvimento sustentável, muitas comunidades intencionais passaram a se preocupar em sair do isolamento e aumentar a sua atuação na sociedade” (ROYSEN; MERTENS, 2017).

Por conta do seu caráter local e autossustentável, as ecovilas, por vezes, são percebidas como comunidades isoladas do resto da sociedade (BELLEZE et al., 2017; FOTOPOULOS, 2000). No entanto, uma pesquisa realizada por Roysen e Mértens (2017) constata que essa ideia é equivocada, pois diversas ecovilas mantêm contato com ONGs, escolas e outros atores com objetivos destinados à promoção da sustentabilidade ecológica, social-comunitária e cultural. Esses contatos se dão tanto em âmbito local quanto nacional e transnacional. De acordo com Roysen e Mértens (2017, p. 111), 18,5% das relações externas das ecovilas se dão com atores transnacionais para “trocas de informações sobre práticas socioambientais específicas, sobre cursos, eventos e programas de voluntariado, bem como sobre vida em comunidade”. O caráter transnacional dessas práticas nos leva a estabelecer uma primeira relação entre o movimento das ecovilas e os mais recentes movimentos sociais, visto que uma das características dos movimentos sociais atuais é a luta por uma globalização alternativa, como propõem as ecovilas através de suas pautas pró-sustentabilidade.

Cabe ressaltar que os movimentos sociais do século XXI não estão descolados dos movimentos que o antecederam, mas sobrepostos a eles em alguns aspectos. Segundo Juris, Pereira e Feixa (2012), na prática, os movimentos de todas as épocas exibem características associadas com os antigos e novos movimentos. Tendo isso em vista, há se destacar uma nuance particular dos novos movimentos do século XXI: enquanto vários dos mais recentes “novos movimentos” repudiam os meios de comunicação massivos, os “novos movimentos” do século XX nasciam em um contexto marcado pela centralidade dos meios de comunicação de massa, em que a representação midiática dos movimentos era aceita ou mesmo almejada. Por sua vez, como coloca Castells (2013, p. 9), os recém surgidos movimentos do século XXI “ignoraram partidos políticos, desconfiaram da mídia, não reconheceram nenhuma liderança e rejeitaram toda organização formal, sustentando-se na internet e em assembleias locais para o debate coletivo e tomada de decisões”.

Se entre os antigos e novos movimentos do século XXI há distinções bem delineadas, apesar das suas intersecções, o mesmo não acontece com a própria definição das ecovilas. De acordo com Dawson (2015), a diversidade de tipos existentes de ecovilas impossibilita que elas sejam definidas a partir de um modelo único. Segundo Dias et al. (2017), isso tem relação com seu histórico, cujas origens são diversas:

os ideais de autossuficiência e investigação espiritual dos monastérios, ashrams e movimentos gandhianos; os movimentos ambiental, pacifista, feminista e os de educação alternativa dos anos 1960 e 1970; nos países afluentes, o movimento back-to-the-land e o de cohousing; e, nos países “em desenvolvimento”, os movimentos pelo desenvolvimento participativo e a apropriação de tecnologia (DIAS et al., 2017, p. 82)

Por esta razão, as ecovilas não possuem uma identidade homogênea, um fator chave que tenha engatilhado o movimento. O resultado disso é um corpo heterogêneo de comunidades que se intitulam ecovilas, desde comunidades tradicionais de pequenos agricultores a *eco resorts*. Como apontam Dias et al. (2017, p. 82), o termo “ecovila” começou a ser utilizado no ano de 1991, através de um relatório elaborado pelos ativistas Robert e Diane Gilman em que eles descrevem assentamentos que poderiam “servir como base de inspiração para o que seriam comunidades de transição para uma sociedade sustentável, as quais passaram a denominar ‘ecovilas’”. Mas é no ano de 1995 que as ecovilas passam a se articular mais à maneira de um movimento social (DIAS et al., 2017), com a criação da Global Ecovillage Network (GEN).

Guardadas as suas contradições, a existência e o reconhecimento global da GEN são um argumento favorável à hipótese de que estamos tratando de um movimento social, pois a sua proposta é unificar as comunidades a ela associadas a uma base nuclear de valores e práticas ancorados nas dimensões ecológica, cultural, social e econômica da sustentabilidade, formando redes de mobilizações. Essencialmente, as demandas ligadas à causa ecológica configuram a identidade da rede global de ecovilas, cujo principal “adversário” é a economia capitalista. Na definição da GEN, uma ecovila é “uma comunidade intencional, tradicional ou urbana que intencionalmente projeta sua trajetória através de processos participativos em nível local e que vise a atender aos princípios das ecovilas em quatro áreas de regeneração (social, cultural, ecológica e econômica)”. Nota-se que a própria definição institucional das ecovilas dá margem a um abrangente escopo de comunidades de naturezas distintas, o que dificulta, empiricamente, a categorização das ecovilas em relação à identidade coletiva da rede.

No entanto, podemos inferir que trata-se de um movimento social, uma vez que ele possui demandas que configuram sua identidade, através da defesa de valores e práticas sustentáveis nos âmbitos ecológico, econômico, cultural e comunitário; possui um (grande) adversário: o capitalismo; possui uma base/liderança, representada pela Global Ecovillage Network (GEN); por fim, através da GEN, as ecovilas desempenham práticas comunicativas diversas, possuem um projeto global de educação ecológica e tem a própria plataforma da GEN

como exemplo de uma maneira característica de se articular. Tendo isso em vista, o que dificulta a designação do movimento global das ecovilas como um movimento social é seu caráter politicamente inconventional, pois trata-se de um movimento afirmativo, não de protesto (LITFIN, 2009).

Ao invés de resistirem àquilo a que se opõem, as ecovilas estão construindo alternativas *de baixo para cima*. Tal como sua ênfase no indivíduo, essa abordagem afirmativa também decorre de sua visão de mundo holística. Se o mundo é radicalmente interdependente, estabelecer estruturas sociais alternativas locais pode muito bem ser uma estratégia mais eficaz do que simplesmente dizer “não” aos sistemas insustentáveis (LITFIN, 2009, p. 134, tradução nossa, grifo nosso).

Levando isso em conta, no próximo tópico procuramos estabelecer relações entre as práticas ligadas à identidade coletiva do movimento das ecovilas, representada pela GEN, e os novos movimentos sociais do século XXI, através da proposta de Cammaerts (2013), como demonstramos a seguir.

3. ANÁLISE A PARTIR DA ESTRUTURA DE OPORTUNIDADE DE MEDIAÇÃO

De acordo com Cammaerts (2013, p. 15), o conceito de Estrutura de Oportunidade Política é “bastante proeminente” na literatura sobre movimentos sociais, referindo-se a “dimensões do ambiente político que oferecem incentivos às pessoas para tomar ação coletiva ao afetar suas expectativas de sucesso ou falha” (TARROW, 1994, p. 85 apud CAMMAERTS, 2013, p. 15). Tratam-se dos aspectos estruturais que escapam do controle dos ativistas e que podem afetar o desenvolvimento ou o sucesso dos movimentos sociais. Partindo dessa noção, Cammaerts (2013) aborda a conceituação de Estrutura de Oportunidade Discursiva, a qual designa o papel do discurso nos movimentos sociais como meios de conflito social e lutas simbólicas. Ela remete “às estratégias de planejamento que são consideradas não apenas relevantes para o posicionamento ideológico, mas afetam o recrutamento, mobilização e o grau de prontidão para ação” (CAMMAERTS, 2013, p. 16).

O conceito de Estrutura de Oportunidade de Mídia, por sua vez, remete aos novos movimentos sociais, pois aponta para os movimentos que dependem das grandes mídias para três finalidades interrelacionadas: “mobilizar suporte político, aumentar a legitimidade e validação de suas demandas e permitir que expandam a abrangência do conflito além das pessoas que compartilham opiniões” (CAMMAERTS, 2013, p. 16). Por fim, o conceito de Estrutura de Oportunidade em Rede aborda “o ambiente de rede interconectado pelo qual os movimentos sociais operam atualmente” (CAMMAERTS, 2013, p. 16). Ele refere-se ao papel das tecnologias de comunicação “na habilidade dos movimentos em organizar e mobilizar (transnacionalmente), recrutar, coordenar ações e disseminar contraestruturas independentes da grande mídia” (CAMMAERTS, 2013, p. 16). A união desses três conceitos compõe a proposta do autor de Estrutura de oportunidades de mediação (Figura 1).

Figura 1 – Estrutura de Oportunidade de Mediação



Fonte: Cammaerts (2013, p. 16)

Partindo desses pressupostos, seguimos com a descrição das práticas das ecovilas referentes às três categorias.

3.1. ESTRUTURA DE OPORTUNIDADE DISCURSIVA

Como ressaltamos, a Estrutura de Oportunidade Discursiva refere-se aos aspectos simbólicos de um movimento social; refere-se àquilo que mobiliza os atores em torno de uma causa. Diz respeito aos valores e objetivos do movimento, à sua ideologia; são a identidade em comum do movimento. No caso das ecovilas, a Estrutura de Oportunidade Discursiva diz respeito aos seus princípios éticos voltados ao cuidado com o meio ambiente, através da promoção de um estilo de vida sustentável. Isso inclui a incorporação de uma nova ética de sociabilidade fundamentada, primordialmente, no entendimento de que “todas as coisas e criaturas estão conectadas e que os pensamentos e ações têm impacto no (meio) ambiente” (SANTOS JR, 2006, p. 11). Sua proposta se baseia na noção de sustentabilidade em três dimensões basilares: a ecológica, a social-econômica e a cultural-espiritual.

A dimensão ecológica diz respeito à prevalência de práticas que “não interfiram com a habilidade inerente à natureza de manter a vida” (SANTOS JR, 2006, p. 10). Para tal, as ecovilas “tendem a redimensionar o proceder tecnológico-científico moderno” (SANTOS JR, 2006, p. 10), implementando propostas sustentáveis “de manufatura, de cultivo, de negócios, de construção, de saneamento, de energia, de saúde, de educação, de arte, dentre outras” (SANTOS JR, 2006, p. 10). Assim, as ecovilas propõem estruturas físicas e tecnológicas comprometidas com a capacidade de suporte e de resiliência dos ecossistemas, com o uso consciente de recursos naturais.

Dentre algumas práticas que fortalecem este objetivo estão: produção local e orgânica de alimentos, uso de sistemas de energia renováveis, recuperação ambiental e revegetação, uso de materiais de baixo impacto ambiental nas construções, práticas permaculturais, sistemas de reaproveitamento de dejetos e materiais, entre outras (SANTOS JR, 2006, p. 11)

Na dimensão ecológica das ecovilas, expande-se o sentido de ecologia para o âmbito da ética e da política, através dos quais incorpora-se uma busca por compreensão sobre o meio ambiente, com uma ressignificação das relações sociais e com uma reflexão crítica acerca da subjetividade humana (FERREIRA NETO, 2018, p. 47).

Por sua vez, a dimensão social, na definição de Santos Jr (2006), incorpora tanto um nível comunitário quanto a dimensão econômica:

No nível comunitário estariam as relações e trocas entre os membros, processos de tomada de decisão e gestão de conflitos, práticas holísticas de saúde, formas significativas de trabalho, educação permanente, expressões culturais e respeito às diferenças, as crianças, aos idosos e grupos marginais. O nível econômico é formado por geração de renda local como negócios “verdes” e consultorias, bancos e moedas alternativas, simplicidade voluntária e economia informal expandida (SANTOS JR, 2006, p. 11).

Por fim, a dimensão cultural-espiritual das ecovilas refere-se às expressões criativas e artísticas praticadas, às celebrações e rituais, às manifestações de espiritualidade e das tradições culturais. Essas práticas tem o intuito de: conectar os indivíduos a um propósito de vida mais amplo; estimular a atenção plena e crescimento pessoal; respeitar as tradições culturais que apoiam a dignidade humana; engajar-se ativamente na proteção de comunidades e da natureza; celebrar a vida e a diversidade através da arte; reconectar o indivíduo a natureza e adotar estilos de vida de baixo impacto ambiental.

Nota-se que a questão da sustentabilidade atravessa todas as dimensões, mas há outras agendas dentro do movimento, como as práticas espiritualistas. Segundo Santiago (2016), a heterogeneidade de pautas é, também, uma característica dos novos movimentos sociais. No entanto, é evidente o protagonismo da sustentabilidade, que atravessa e articula todas as demais dimensões e pautas. O que complexifica, empiricamente, a definição de uma identidade uniforme para as ecovilas é a heterogeneidade de comunidades que podem ser consideradas como tais pelos critérios da GEN. Para a rede, comunidades tradicionais também podem ser consideradas ecovilas, o que por si só abre margem para a incorporação de outros objetivos e valores no movimento. Tendo isso em vista, a GEN afirma que três princípios fundamentais devem ser atendidos para que as comunidades, tanto tradicionais como intencionais, sejam consideradas ecovilas: ter bases em processos participativos locais; integrar as dimensões social, cultural, econômica e ecológica em uma abordagem holística; restaurar e regenerar ativamente os seus ecossistemas sociais e naturais. Assim, uma comunidade quilombola, por exemplo, que queira fazer parte do movimento das ecovilas, deve obedecer a esses critérios, mesmo que outras práticas distintas do movimento sejam realizadas. Em síntese, pode-se inferir que a identidade coletiva do movimento das ecovilas é a visão sistêmica da sustentabilidade e as práticas necessárias para que esta seja alcançada, menos por meio de um confronto direto contra o capitalismo neoliberal do que através da proposição de comunidades autossustentáveis em âmbito local, estabelecendo uma mudança social “de baixo para cima”.

3.2. ESTRUTURA DE OPORTUNIDADE DE MÍDIA

Essa categoria diz respeito ao potencial de divulgação do movimento social na mídia hegemônica, às suas representações nos meios massivos, às “várias formas pelas quais ativistas tentam conquistar a atenção da mídia, primariamente produzindo espetáculo através da demonstração de números, através da imposição de dano ou através do testemunho de injustiça” (CAMMAERTS, 2013, p. 20). O movimento das ecovilas repudia a ideologia desenvolvimentista consagrada pelos meios de comunicação massivos. Ele se contrapõe, portanto, aos pressupostos desta categoria. Tal princípio vai de encontro a uma característica

mais presente entre os novos movimentos sociais pós-século XXI: o repúdio aos meios de comunicação de massa.

No Brasil, as redes de televisão “aberta”, cujo maior expoente em termos de audiência é a Rede Globo², continuam sendo o meio principal de consumo da população³. Tendo isso em vista, procuramos pela palavra-chave “ecovila” na caixa de busca da plataforma *GloboPlay*⁴, que reúne arquivos de programas já exibidos pela emissora. Como resultado, constaram apenas três vídeos abordando diretamente o termo ecovila. Dois deles tratam-se de reportagens curtas, um de 3 e outro de 5 minutos, em programas locais: o “Antena Paulista”, exibido no estado de São Paulo, e o “Bom Dia Goiás”, exibido apenas no estado de Goiás. O terceiro deles, porém, trata-se de uma matéria de um programa exibido em rede nacional, o “Como Será?”.

O vídeo da reportagem do “Antena Paulista” mostra um arquiteto aplicando, em uma ecovila de Ubatuba, os conceitos de agrofloresta e permacultura, visando à promoção de um estilo de vida sustentável ecologicamente. O vídeo do jornal “Bom Dia Goiás”, por sua vez, contribui para a promoção da sustentabilidade ecológica que norteia as ecovilas ao mostrar soluções, desenvolvidas em uma ecovila do estado de Goiás, que podem ser aproveitadas em casa. Já o vídeo do programa “Como Será?” mostra, a partir de um quadro do programa, o relato de uma jovem que decide mudar de estilo de vida ao ir morar em uma ecovila.

Inferimos que, assim como ocorre em diversos movimentos sociais do século XXI, as ecovilas são pouco difundidas nos meios massivos, como corrobora Litfin (2009, p. 124, tradução nossa) ao colocar que “suas ações mal registram nos radares da cobertura midiática e das autoridades políticas”. De acordo com a autora, os movimentos sociais ambientalistas podem ser entendidos a partir de uma distinção entre as abordagens *top-down* (de cima para baixo) e *bottom-up* (de baixo para cima), sendo eles pertencentes à segunda abordagem, representados primordialmente por ONGs cujas ações estão direcionadas a governos de estados federativos, organizações internacionais ou empresas. As ecovilas pertencem, também, à segunda abordagem, integrando de maneira mais ampla a onda de movimentos antiglobalização (ou por uma globalização alternativa) na contemporaneidade (JACKSON, 2004).

Por seu caráter local, pode-se pressupor que as práticas das ecovilas acabem sofrendo pouca influência nacional ou transnacional. No entanto, a existência da GEN, por exemplo, demonstra que há uma articulação maior em escala global e que as mudanças almejadas poderiam ser alcançadas pelo somatório de práticas locais, capitaneadas pela rede. Além disso, como pontuamos anteriormente, de acordo com a pesquisa de Roysen e Mértens (2017, p. 111), há ecovilas que, de fato, se articulam com atores nacionais e internacionais, obtendo resultados diretos em nível transnacional, “a partir de envolvimento com políticas relacionadas a resolução de conflitos, desenvolvimento sustentável e defesa de direitos humanos, além de ativismos pela paz e solidariedade internacional” (DIAS et al., 2017, p. 85). Nesse sentido, há exemplos empíricos apontados por Dias et al. (2017, p. 85), a saber:

The Farm (EUA), por exemplo, auxiliou as populações atingidas pelo Furacão Katrina em Nova Orleans e Sarvodaya e Auroville fizeram o mesmo em relação ao tsunami do sul asiático; Damanhur (Itália) participa de operações humanitárias diversas; e Zegg (Alemanha) tomou parte nos esforços de paz entre israelenses e palestinos; Findhorn, por sua vez, consolidou importantes parcerias com a ONU, por exemplo, sediando um CIFAL (Centro Internacional de Treinamento para Autoridades Locais).

² Disponível em <<https://natelinha.uol.com.br/televisao/2019/12/26/mais-da-metade-de-quem-ve-tv-aberta-no-brasil-assiste-a-globo-138742.php>> Acesso em 08 jul. 2020

³ De acordo com levantamento da *Pesquisa Brasileira de Mídia*. Disponível em: <<https://bit.ly/325N6GO>> Acesso em 08 jul. 2020

⁴ <<https://globoplay.globo.com/busca/?q=ecovila>> Acesso em 08 jul. 2020

Cabe ressaltar, ainda, a parceria da GEN com a Organização das Nações Unidas (ONU), outra evidência do caráter global do movimento das ecovilas, como discutimos no tópico a seguir.

3.3. ESTRUTURA DE OPORTUNIDADE EM REDE

Como mencionamos anteriormente, dois elementos presentes nos novos movimentos sociais do século XXI são: o uso de tecnologias digitais de comunicação para promover ou consolidação de pautas; a sua dimensão mais global, seja como movimento antiglobalização ou por uma globalização alternativa. As ecovilas atendem a esses dois requisitos: possuem um núcleo institucional em escala global, a GEN, que oficializa as ecovilas dentro de um escopo de práticas institucionalizadas em função de uma articulação do movimento com ONGs, legisladores, governos, acadêmicos, empreendedores, ativistas e outras redes comunitárias.

Outro aspecto global do movimento das ecovilas é o fato de a GEN possuir estreita relação com a ONU, uma vez que é consultora no Conselho Econômico e Social da organização, além de muitas ecovilas já terem ganhado o prêmio da ONU-Habitat. Ainda, os investimentos em educação da GEN foram endossados pelo Instituto das Nações Unidas para Treinamento e Pesquisa (UNITAR), e seu currículo foi “reconhecido pela UNESCO como contribuição oficial à Década de Educação e Desenvolvimento Sustentável da ONU (2005-2014)” (DIAS et al., 2017, p. 86). No entanto, diversas ecovilas ainda não estão registradas na rede oficial do movimento, o que dificulta a expansão global das suas práticas. Não se sabe se isso se dá por um desconhecimento a respeito da rede, por desinteresse dos *ecovileiros* ou por falta de infraestrutura.

No tocante aos usos de tecnologias de comunicação, para além do sistema da GEN, há outras plataformas onde se nota a presença de conteúdos relacionados às ecovilas, a exemplo do *YouTube*. Em busca⁵ que realizamos na ferramenta de pesquisa da própria plataforma, ao inserirmos a palavra-chave “ecovila” foram diversos os vídeos que apareceram. Em geral, tratam-se de vídeos que apresentam o espaço das ecovilas e descrevem seu estilo de vida sustentável. Há, ainda, grupos de interação no *Facebook* em que os usuários divulgam projetos de ecovilas no intuito de incorporar mais investidores para sua realização; convidam membros para conhecer ou ir viver nas ecovilas; divulgam notícias e pautas relacionadas à sustentabilidade ecológica ou outras questões acionadas pelas ecovilas. Um desses grupos é o *Viver em Ecovila*⁶. Com 3,7 mil membros, seu intuito é a formação ou desenvolvimento de ecovilas e comunidades intencionais em geral, como explica a sua descrição⁷ na seção “sobre”, no perfil do grupo:

Este grupo existe para ajudar na formação de Ecovilas. Não é um grupo restrito a emprego ou vagas de trabalho, mas sim um grupo de educação e organização de subgrupos regionais para o desenvolvimento de comunidades intencionais participativas (...). Indivíduos utilizam este grupo para aprenderem mais sobre o tema. Alguns tem projeto individual específico, outros se agregam a projetos existentes e ainda outros preferem participar da discussão enquanto esperam para decidir se Comunidade Intencional ou Ecovila ou outra forma de organização lhes atrai.

Por outro lado, não se sabe até que ponto as ecovilas brasileiras já formadas fazem uso das tecnologias de comunicação para divulgação de projetos e outras práticas. Isso se reflete no próprio banco de cadastros do *website* da GEN, onde diversas ecovilas ficaram de fora por não terem feito o registro (este depende da iniciativa das próprias ecovilas), enquanto constam

⁵ <https://www.youtube.com/results?search_query=ecovila> Acesso em 09 ago. 2020

⁶ <<https://www.facebook.com/groups/Ecovilas/>> Acesso em 09 jul. 2020

⁷ <https://www.facebook.com/groups/Ecovilas/?post_id=736339640462809> Acesso em 09 jul. 2020

cadastros que claramente não se tratam de ecovilas, como *eco resorts*, o que demonstra que há uma falta de monitoramento ou de critérios de filtragem no ato de cadastramento.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alguns dos novos movimentos sociais do século XXI tem como característica um distanciamento em relação aos meios de comunicação massivos e a articulação de ações de ativismo através das tecnologias digitais de comunicação. Suas lógicas diferem dos antigos movimentos sociais por seu caráter transnacional e pelo posicionamento contrário à globalização capitalista neoliberal em curso.

Nesse contexto, presencia-se uma articulação global de atores engajados na causa ambiental: o movimento das ecovilas. Considerando a heterogeneidade de práticas associadas às ecovilas e o seu caráter contra hegemônico, alguns autores advogam que não se trata de um movimento social, sob a alegação de que esses atores estariam vivendo em isolamento, sem relação com atores externos. Tendo isso em vista, através de revisão bibliográfica, constatamos que essa alegação é questionável, pois é comum entre as ecovilas o desenvolvimento de ações comunitárias junto a outros atores em âmbito local. Há mesmo aquelas que se comunicam com atores transnacionais.

Diante disso, o objetivo do artigo consistiu em verificar se as práticas das ecovilas constituem um movimento social e estabelecer relações entre essas práticas e as características dos novos movimentos sociais do século XXI. Um movimento social possui uma identidade coletiva e um propósito específico que vise a transformar valores e instituições da sociedade. Consideramos que a identidade comum às ecovilas, pelo menos aquelas que estão oficialmente vinculadas à GEN, reside na busca pela sustentabilidade em suas três dimensões (ecológica, cultural e social-econômica). Através da difusão e incorporação de práticas sustentáveis nessas dimensões, o movimento visa à transformação dos valores hegemônicos associados à destruição do capital natural do planeta.

Na hipótese de que se tratem de um movimento social, fez-se necessário identificar o que há em comum entre as práticas da rede global de ecovilas e os mais recentes movimentos sociais do século XXI. Destacamos, assim, três aspectos que diferem os novos movimentos sociais do século XXI dos antigos movimentos sociais: um caráter antiglobalização ou de alternativa à globalização hegemônica; o alcance transnacional; a importância das tecnologias digitais de comunicação para a articulação do movimento. Pela importância das tecnologias digitais de comunicação nesses movimentos, tomamos por base as categorias empíricas propostas por Cammaerts (2013), que consagram uma articulação entre a teoria dos movimentos sociais e a teoria das mediações de Martín-Barbero e Roger Silverstone. Através dessas categorias, constatamos que as ecovilas: possuem um núcleo global de organização do movimento, o *Global Ecovillage Network*, desenvolvendo ações sociais em âmbito local, nacional e transnacional (alcance transnacional); fazem uso das tecnologias de comunicação para divulgação das suas instalações e atividades; são pouco representadas nos e pouco articuladas aos meios de comunicação massivos (descolamento dos meios massivos); defendem uma globalização alternativa à globalização da economia capitalista e suas lógicas ecologicamente predatórias, através da promoção de práticas holisticamente sustentáveis (caráter antiglobalização).

Tais aspectos são indícios de que o fenômeno das ecovilas se trata de um novo movimento social. No entanto, o movimento, na prática, ultrapassa o alcance da GEN. Diversas ecovilas sequer constam nos registros da rede, portanto não há como saber até que ponto todas as ecovilas estão alinhadas às práticas defendidas pela rede, sobretudo porque há comunidades de naturezas bem distintas que se intitulam ecovilas. Considerando tais limitações e

contradições, não pretendemos esgotar o debate aqui proposto. No entanto, os dados que reunimos apontam em direção à corroboração da hipótese de que o movimento das ecovilas, pelo menos dentro de um recorte específico – a articulação com a GEN – se trata de um novo movimento social. Diante do exposto, ressaltamos a necessidade de mapeamentos das ecovilas espalhadas ao redor do mundo e da realização de mais estudos em profundidade relacionados às práticas desenvolvidas por essas comunidades.

5. REFERÊNCIAS

ARRUDA, Beatriz Martins. **O fenômeno das ecovilas no Brasil contemporâneo**. 2018. 203 p. Dissertação (Mestrado em Urbanismo) – Centro de Ciências Exatas, Ambientais e de Tecnologias, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2018.

BARTON, Hugh. **Sustainable communities: the potential for eco-neighbourhoods**. Earthscan, 2000.

BELLEZE, Gabriela; BERNARDES, Marcos Eduardo Cordeiro; PIMENTA, Carlos Alberto Máximo; JÚNIOR, Paulo Cezar Nunes. Ecovilas brasileiras e indicadores de desenvolvimento sustentável do IBGE: uma análise comparativa. **Ambiente & Sociedade**, v. 20, n. 1, p. 223-238, 2017.

CAMMAERTS, Bart. Lógicas de protesto e a estrutura de oportunidade de mediação. **Matrizes**, v. 7, n. 2, 2013.

CASTELLS, Manuel. **O poder da Identidade**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CAPELLO, Giuliana. **Meio ambiente & ecovilas**. São Paulo: Senac, 2017.

DAWSON, J. **Ecovillages: new frontiers for sustainability**. Londres: Green Books, 2015.

DIAS, Maria Accioly; LOUREIRO, Carlos Frederico B.; CHEVITARESE, Leandro. SOUZA, Cecília de Mello e. Os sentidos e a relevância das ecovilas na construção de alternativas societárias sustentáveis. **Ambiente & Sociedade**, v. 20, n. 3, p. 81-98, 2017.

FERREIRA NETO, Djalma Nery. Uma alternativa para a sociedade: caminhos e perspectivas da Permacultura no Brasil. **São Carlos:[sn]**, 2018.

FOTOPOULOS, Takis. The Limitations of life-style strategies: the Ecovillage ‘Movement’ is NOT the way towards a new democratic Society. **Democracy & Nature** 6.2 287-308, 2000

GOHN, Maria da Glória. **Novas teorias dos movimentos sociais**. Loyola, 2008

GOHN, Maria da Glória Marcondes. **Manifestações e protestos no Brasil: correntes e contracorrentes na atualidade**. Cortez Editora, 2017.

JACKSON, R. The ecovillage movement. *Permaculture Magazine*. **Hampshire**, v. 40, 2004.

JURIS, Jeffrey; PEREIRA, Inés; FEIXA, Carles. La globalización alternativa y los 'novísimos' movimientos sociales. **Revista de Centro de Investigación de la Universidad La Salle**, n. 37, p. 23-39, 2012

LITFIN, Karen. The global ecovillage movement as a holistic knowledge community. In: **Environmental governance: power and knowledge in a local-global world**, p. 124-142, Routledge: 2009.

MELUCCI, Alberto. Um objetivo para os movimentos sociais?. **Lua Nova: revista de Cultura e política**, n. 17, p. 49-66, 1989.

ROYSEN, Rebeca; MERTENS, Frédéric. O Nicho das Ecovilas no Brasil: Comunidades isoladas ou em diálogo com a sociedade?. **Fronteiras: Journal of Social, Technological and Environmental Science**, v. 6, p. 99-121, 2017.

SALAZAR, Claudio Antonio Pereira. Participación y acción colectiva en los movimientos globales de ecoaldeas y permacultura. **Revista Latinoamericana de Psicología**, v. 45, n. 3, p. 401-413, 2013.

SANTIAGO, Leonardo Sagrillo. **Os novíssimos movimentos sociais e a sociedade em rede: a criminalização das jornadas de junho de 2013 e a consolidação de um estado delinquente**. 2016. 122 p. Dissertação (Mestrado em Direito) – Programa de Pós-graduação em Direito, Universidade Federal de Santa Maria, 2016.

SANTOS JR, S. Ecovilas e Comunidades Intencionais: ética e sustentabilidade no viver contemporâneo. In: Encontro da ANPPAS, III, 2006. Brasília. **Anais...** Brasília: ANPPAS, 2006.

TOURAINÉ, Alain. **Poderemos viver juntos?: iguais e diferentes**. Petrópolis: Vozes, 2003.